

Organizadores:
Rosana Balsan | Laíres Ribeiro | César Bressanin

Roteiro Geo-Turístico em Porto Nacional **reflexões de ensino, pesquisa e extensão**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

B196

Balsan, Rosana (Org.)

Roteiro Geo-Turístico em Porto Nacional: reflexões de ensino, pesquisa e extensão / organizadoras: Rosana Balsan, Laíres Ribeiro, César Bressanin. – Palmas: EDUFT, 2021.

146p. : il. fots.; 21 x 29,7 cm.

ISBN 978-65-89119-68-5

1. Turismo. 2. Brasil, geo-turismo. 3. Patrimônio, Porto Nacional. 4. Porto Nacional, Tocantins. I. Rosana Balsan. II. Laíres Ribeiro. III. César Bressanin. V. Subtítulo.

CDD 380.812

Legado educacional dominicano-anastasiano em Porto Nacional: trajetórias do Colégio Sagrado Coração de Jesus

César Evangelista Fernandes Bressanin²²

Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida²³

Introdução

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre as plantas e as galinhas, nas ruas dos subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquina. Disso eu quis fazer minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrastar as pessoas e as coisas que não têm voz.

Ferreira Gullar

O fragmento da poesia de Ferreira Gullar remete-nos às mudanças significativas ocorridas na História enquanto ciência, na sua pesquisa e em seu ensino. De uma História positivista, factual e produzida a partir dos vencedores, dos grandes acontecimentos e dos documentos oficiais, passamos à prática de uma historiografia de longa duração em que as estruturas permanentes eram o que mais interessava. Os sujeitos não tinham vez e nem voz. No entanto, aos poucos, a História foi recolocada numa posição de contribuição produtiva no âmbito das ciências humanas.

O olhar de Clio desanuviou-se e multiplicou-se. O entendimento da História que seus críticos diziam imóvel não mais respondia aos questionamentos e inquietações vigentes nos

2 Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-GO, Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Sociedade. Membro do Diretório (CNPq/PROPE) Grupo de Pesquisa: Educação, História, Memória e Culturas em Diferentes Espaços Sociais/HISTEDBR (PUC-GO). Membro do Núcleo de Estudos Urbanos e das Cidades (NEUCIDADES) – UFT. Técnico em Assuntos Educacionais na UFT, campus de Porto Nacional. Mestre em História (PUC-GO). Mestre em Educação (UNINORTE). Graduado em História (UFT). Graduado em Pedagogia (UNIFACVEST). E-mail: kaeserevangelista@gmail.com.

3 Professora Adjunta/PUC-GOÍÁS-PPGE/EFPH- Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Sociedade; Doutora em História Cultural/UNB. Mestre em Educação/UNICAMP-FE. Pedagoga/UCG (PUCGO). Líder do Diretório CNPq/PROPE/ Grupo de Pesquisa: Educação, História, Memória, Culturas em Diferentes Espaços Sociais/HISTEDBR (PUC-GO). Ex-professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: zeneide.cma@gmail.com.

meios acadêmicos. Os olhares de Clio afluíram-se. Isso gerou mudanças: os objetos de pesquisa ora intocados passaram a ser vistos, tocados, analisados, a narrativa retorna como forma de apresentar a História, os sujeitos e suas singularidades passaram a ser valorizados junto aos acontecimentos e recortes temporais de menor duração ganharam maior atenção. Ampliaram-se as possibilidades de estudos e de pesquisa do historiador. “O olhar de Clio mudou-se e voltou-se para outras questões e problemas, para outros campos e temas” (PESAVENTO, 2008, p. 15), tal qual a poesia de Gullar refere.

Destarte, a História Cultural foi se estabelecendo como um novo paradigma, que diante de conflitos teóricos e metodológicos dentro da própria área de conhecimento da História, e por parte dos próprios historiadores foi se constituindo na perspectiva da obra de Thomas Khun sobre as estruturas das revoluções científicas, como bem pontua Peter Burke (2008).

Assim, no limiar do século XXI, e ao longo dessas quase duas décadas que já se transcorreram, um dos campos que mais tem se consolidado na pesquisa histórica e na historiografia é o da História Cultural. Na visão de Pesavento (2008, p. 59):

Escrever a história, ou construir um discurso sobre o passado, é sempre um ir ao encontro das questões de uma época. A História faz-se como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado.

Desta forma, os marcos teórico-metodológicos da História Cultural, como campo de investigação e tendência historiográfica, são “plurais em suas possibilidades de investigação, muito têm contribuído para o avanço da historiografia e seus percursos e dilemas, [...] abriam caminhos para a reflexão acerca do fazer do historiador, diante das novidades temáticas e metodológicas que se apresentaram [...]” (FONSECA, 2008, p. 71-72). Como enfatizou Roger Chartier, um de seus maiores representantes, a História Cultural nasce “da emergência de novos objetos no seio das questões históricas” (CHARTIER, 1990, p. 14). Em seu ponto de vista a natureza da história cultural:

[...] trata-se de identificar o modo como em diferentes lugares e momentos determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler, [sendo necessário] considerar os esquemas geradores das classificações e das percepções próprias de cada grupo ou meio como verdadeiras instituições sociais, incorporando sob a forma de categorias mentais e de representações coletivas as demarcações da própria organização social (CHARTIER, 1990, p. 25).

Assim, a configuração da História Cultural como campo de pesquisa abriu novos horizontes. Ampliaram-se as abordagens dos historiadores, os acontecimentos do presente e da vida cotidiana, bem como personalidades antes esquecidas pelas análises históricas, começaram a ser investigadas.

Na visão de Lynn Hunt (2001, p. 13), os novos olhares de Clio revelados pela História Cultural, que inovaram os domínios da história não significaram “simplesmente um novo conjunto de temas para investigação, mas um questionamento de métodos, fontes, abordagens e conceitos”, que impulsionou os historiadores a “pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2008, p. 15) e a notar

que as relações culturais são tão importantes quanto as sociais e econômicas, e que essas não determinam os aspectos referentes à cultura.

A História Cultural passou a valorizar as ações e concepções de mundo, das classes populares em seu contexto espaço-temporal, os recortes passaram a apreciar sujeitos, famílias, grupos e comunidades que sofrem os condicionamentos dos processos históricos mais amplos, levando em conta as várias práticas culturais e a variedade dos fatos e das fontes. O ângulo do olhar do historiador sobre o passado transformou-se. A História Cultural assinala uma reinven-ção do passado que se constrói na contemporaneidade (PESAVENTO, 2008), em que o histo-riador pode ler sua diversidade de fontes não só amparado pela sua empiria, mas também por uma gama de saberes interdisciplinares, no conjunto das ciências humanas e sociais, que possi-bilitam, “[...] através dos traços que foram deixados e dos vestígios não apagados” (SANTOS, 2019, p. 161), a re-construção dos fatos, a re-leitura dos acontecimentos, a compreensão dos pensamentos.

Na pesquisa educacional, especialmente na História da Educação, a História Cultural tem gerado possibilidades para a historiografia educacional. Na concepção de Miriam Warde (1998, p. 96), os educadores,

[...] encontraram, a partir da História, um lugar adequado, para acomodar a educação. A cultura é indiscutivelmente um bom lugar para inscrever os objetos, os sujeitos, as práticas e as instituições educacionais. Aliás, foi preciso ler os novos historiadores da cultura para se ter revalorizados muitos dos temas me-nosprezados no campo pedagógico.

Não se pode esquecer que a escola é um lugar por excelência onde se concentra “um arsenal de fontes e de informações fundamentais para a formulação e interpretações sobre elas próprias e, sobretudo, sobre a história da educação brasileira” (GATTI JÚNIOR, 2002, p. 4). As instituições educativas concentram os objetivos e os caminhos de investigação da História Cultural, pois reúnem comportamentos coletivos, sensibilidades, imaginações, representações, gestos, sociabilidades, mediações e mediadores, difusão de saberes e de informações, circulação de conceitos, de ideias e objetos culturais diversos (FONSECA, 2008) que ajudam a compreen-der a formação cultural de uma sociedade.

A História Cultural, de acordo com Cardoso (2011, p. 287):

[...] contribui para a ampliação dos objetos de pesquisa, possibilita novas abor-dagens e o uso de novas fontes, oferecendo aos/as pesquisadores/as da História da Educação um instrumental capaz de estabelecer olhares múltiplos sobre os diversos aspectos das práticas educativas, revelando dimensões pouco explora-das, explicitando sua dinâmica e sua complexidade.

Assim, este texto trata de fragmentos da história de uma instituição escolar, de um colégio com 116 anos de fundação, numa cidade histórica do Tocantins. Versa sobre o Colégio Sagrado Coração de Jesus de Porto Nacional, estado do Tocantins, uma instituição dominicana-anasta-siana que tornou-se referência educacional ao longo do século XX para o antigo norte de Goiás e para outras regiões como o sul do Pará, o sul do Maranhão e o oeste da Bahia e projetou-se consolidado para o século XXI como uma escola confessional católica que tem por objetivo “garantir uma educação de excelência orientada por princípios éticos e cristãos” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2020).

Elaborado a partir dos pressupostos teóricos-metodológicos da História Cultural, no campo da História da Educação, este trabalho objetiva compreender o legado educacional dominicano-anastasianiano em Porto Nacional a partir das trajetórias do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Destaca-se que o olhar sobre esta instituição educativa já foi preocupação de diversos pesquisadores (BARROS, 2008; DOURADO, 2010; OLIVEIRA, 2010; BRESSANIN, 2017) que, em suas buscas e indagações, cuidaram de enfatizar a relevância deste colégio na formação da sociedade tocantinense.

“Do colégio sagrado coração de Jesus, sementeira, sementeira de luz”

O Colégio Sagrado Coração de Jesus teve seus primórdios no processo de expansão das escolas da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, atrelado ao fenômeno de romanização instaurada pela Igreja Católica (AQUINO, 2004) e pela Diocese de Goiás em seu território no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Ligado intimamente à Ordem Dominicana, que desbravou o sertão do norte goiano com sua missão de religiosos franceses desde 1886, com o firme propósito de missão, catequização, expansão cultural e forma divina de praticar o bem (BRESSANIN, 2017), o Colégio Sagrado Coração de Jesus foi um pedido dos frades dominicanos residentes no Convento Santa Rosa de Lima de Porto Nacional à Congregação de Monteils.

Frei Gil Vilanova, Gabriel de Voisins, Miguel Berthot, Ângelo Dargognaratz, Francisco Bigoré solicitaram à província das Dominicanas na França a vinda de religiosas educadoras com o objetivo de fundar um eficiente ensino de qualidade na região, visto que as religiosas dominicanas-anastasianas já mantinham no Brasil alguns colégios.

Elas instalaram-se, primeiramente, em Uberaba-MG, no Triângulo mineiro em 1885 e fundaram o Colégio Nossa Senhora das Dores. Dali estenderam uma rede de instituições escolares pelo sertão goiano e sul do Pará. Na cidade de Goiás-GO, em 1889, fundaram o Colégio Sant’Anna. Em 1902 na pequena Bela Vista de Goiás abriram as portas do Colégio Santa Catarina de Sena. No mesmo ano, em Conceição do Araguaia, estado do Pará, o Colégio Santa Rosa de Lima (LOPES, 1986).

No dia 30 de agosto de 1904 chegaram a Porto Nacional as irmãs Maria Inez, Maria André, Maria Fernanda e Maria Rafael. Tinham como missão atender o pedido da fundação de uma nova instituição escolar. Para levar avante o projeto de trabalhar em prol da região do Tocantins, as dominicanas enfrentaram a fúria do Oceano Atlântico, a lentidão do trem de ferro até Goiás e o trote dos cavalos nos últimos 859 km para chegar a Porto Nacional, então norte de Goiás (PIAGEM E SOUZA, 2000).

O Colégio Sagrado Coração de Jesus foi fundado no dia 15 de setembro de 1904 pelas pioneiras irmãs que, numa casa improvisada, colocada à disposição pelo Coronel Frederico Lemos, considerável autoridade na época, as religiosas educadoras lançaram as bases da educação dominicana-anastasianiana no sertão tocantinense. Mas qual o significado de educação dominicana-anastasianiana?

As instituições escolares desta congregação embasaram suas finalidades e sua filosofia na proposta educativa de seus fundadores: São Domingos de Gusmão, idealizador da Ordem Dominicana no ano de 1216, originando o termo educação dominicana e Madre Anastasie, fundadora da Congregação de Monteils em 1850, originando o termo educação anastasiana.

A proposta filosófica da educação dominicana-anastasiana ancora-se nos objetivos de promover um ensino que preza a formação integral do ser, pautado em valores humanos e cristãos que evidenciam a individualidade e potencialidade do sujeito na perspectiva de transformação das pessoas (SMITH, 2015, p. 30).

Desta forma, na pequena casa da atual rua Aires Joca, no centro histórico de Porto Nacional, o Colégio Sagrado Coração de Jesus iniciou suas atividades com dezenove alunas pagando 2\$000 (dois mil réis) por mês. A casa ficou movimentada com as internas regidas por Madre Maria Inês, primeira diretora da instituição e orientadas pelas demais religiosas e alguns frades do Convento Santa Rosa de Lima que ministravam as aulas (DOURADO, 2010).

Com o número crescente de alunas, as Irmãs precisaram pensar na construção de um colégio com instalações que oferecessem melhores condições higiênicas e de acomodações. Mais uma vez contando com a ajuda do Coronel Frederico Lemos, dos frades dominicanos residentes e da população em geral, o primeiro prédio próprio do Colégio Sagrado Coração de Jesus foi construído. Obedecendo a uma planta submetida à aprovação do Conselho da Congregação de Monteils na França, que não fugia dos padrões dos demais colégios brasileiros, a obra, estupenda para a época, modelou-se de maneira rápida (BRESSANIN, 2017).

Em 1º de maio de 1906 o novo Colégio Sagrado Coração foi inaugurado em continuidade ao movimento da arte educacional em Porto Nacional. Esse prédio ficava situado na atual Rua Coronel Pinheiro, conhecida como Rua do Cabassaco, no espaço onde funciona atualmente a sede da Organização não-governamental COMSAÚDE (DOURADO, 2010). Nesse espaço observa-se ainda hoje a imagem do Sagrado Coração de Jesus no pátio interno que teria sido esculpida por uma das religiosas francesas fundadoras da casa de educação.

Depois de quatorze anos de trabalhos em prol da educação e da cultura do povo portuense, em 1919, a diretora do Colégio Sagrado Coração de Jesus, irmã Maria Inês foi chamada pelas superiores da Congregação de Monteils à França. Num encontro marcado por reencontros, ela relatou o grande feito das missionárias dominicanas-anastasianas em Porto Nacional. De lá retornou com muito material educacional e instrumentos musicais como um piano, um harmônio e um bandolim e uma professora francesa para ensinar música (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2000).

A Revista Mensageiro do Santo Rosário, em sua edição de julho de 1915, exprimiu em uma nota que “acaba de regressar da Europa trazendo mais uma auxiliar, a digna e muito querida Superiora irmã Maria Ignez. Com seu regresso, cheio de peripécias devido às guerras e às distâncias e caminhos entrou em Porto Nacional o primeiro piano cuja condução em padiola constituiu-se uma pequena epopeia (MENSAGEIRO DO SANTO ROSÁRIO, julho de 1915, p. 60, sic).

De fato, Irmã Maria Inez enfrentou muitas dificuldades para transportar todo o material adquirido na França até Porto Nacional. Embrenhou-se pelo sertão da Bahia por íngremes estradas meses a fio transportando pessoas e bagagens no dorso de animais. Foi assim que instrumentos, materiais escolares e novidades, que trouxeram o progresso, entraram na cidade.

No dia 20 de novembro de 1920, chegou à Porto Nacional pela primeira vez, a Reverenda Madre Geral da Congregação, Madre Boaventura, acompanhada de Madre Tereza de Jesus, para conhecer de perto as dificuldades e as realizações das pioneiras do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Com idade avançada, mas consciente de bons frutos plantados na região, retornaram à França, fazendo o trajeto Porto Nacional-Belém, via Rio Tocantins. Entre as inúmeras dificuldades de locomoção da época, as religiosas não mediam sacrifícios e esforços para que as instituições por elas fundadas e dirigidas mantivessem o espírito anastasio e contribuísse para o bem à Igreja e ao desenvolvimento local.

Neste ínterim, o Colégio Sagrado Coração de Jesus era muito procurado por famílias de todos os lugares do estado de Goiás, que queriam oferecer uma boa educação aos seus filhos, coisa que as Irmãs Dominicanas garantiam. Contavam com mais de cem alunas internas, sem contar com as alunas externas que passavam o dia no colégio e retornavam para casa. Em razão desse crescimento e do bom nível ali desenvolvido, o Colégio Sagrado Coração de Jesus foi equi-parado à Escola Normal pelas instâncias superiores de educação do estado Goiás (CAMARGO, 2014).

Assim, de 1920 a 1975 a escola funcionou formando professores normalistas ou técnicos em magistério para o município de Porto Nacional, para a região e outros estados. Nos primeiros anos, o curso Normal recebeu um número expressivos só de mulheres, posteriormente, alguns homens buscaram a matrícula no referido curso. Essa estatística revela a feminização do magistério como discutem diversos autores (LOURO, 2007; RABELO, 2007, entre outros). As primeiras normalistas do Colégio Sagrado Coração de Jesus foram Alice Ayres, Dulce Ayrese Carmem Ayres da Silva que se formaram em 1922 (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2020).

Desde sua fundação, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, mesmo sendo de cunho privado, recebeu inúmeras contribuições e estabeleceu parcerias sendo subvencionado pelo governo de Goiás. Assim,

por meio da Lei nº 186, de agosto de 1908, foi facultado ao Estado subvencionar escolas primárias particulares. Sem dúvida, a maioria dessas escolas particulares estavam sob a direção da Igreja, proporcionando assim, espaço de fortalecimento desta instituição diante da precariedade do atendimento estatal, também, nesse nível de ensino. [...] foi graças a essa lei que a Igreja passou a obter tais subsídios do Estado para o Seminário e para os estabelecimentos de ensino católicos. Então, os colégios dirigidos pelas dominicanas, como o Sant'Ana, na Cidade de Goiás e o Sagrado Coração de Jesus, em Porto Nacional, passaram a receber, cada um, um mil e trezentos réis (1.300\$000) anuais, naquele período (DOURADO, 2010, p. 136-137).

Muitas meninas, de origem mais humilde, puderam estudar no Colégio Sagrado Coração de Jesus em razão das bolsas e benefícios existentes por causa dos convênios com o poder público. Àquela época, essas meninas eram chamadas de 'martinhas', termo que fazia "uma analogia à figura de Santa Marta do Novo Testamento, hospedeira de Cristo e que ficava trabalhando na limpeza da casa" (LAGE, 2014, p. 33). Elas estudavam em um turno e prestavam serviços diversos ao colégio no contra turno. Os convênios entre o poder público e o Colégio Sagrado Coração de Jesus estenderam-se ao longo de sua existência.

Outras parcerias e contribuições ao Colégio Sagrado Coração de Jesus se estabeleceram. Uma delas veio do Brigadeiro Eduardo Gomes no ano de 1941. Sua oferta de quase Cr\$ 4.000 (quatro mil cruzeiros) em livros e material escolar favoreceu o incremento da biblioteca e o alavancar dos estudos. As condições materiais e geográficas impossibilitavam em Porto Nacional as atividades dos grandes centros, mas as educadoras dominicanas-anastasianas faziam o que estava ao alcance e a educação oferecida por elas não era inferior à dos grandes centros (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2000).

A parceria entre as Irmãs e os Frades dominicanos foi significativa. Eles contribuíram com o colégio no atendimento espiritual às internas, as próprias religiosas, como professores e capelães. Elas ajudavam nas atividades da paróquia: coral para crianças, ornamentação da igreja, cuidados com a pastoral. Mesmo com a saída dos frades e o fechamento do Convento Santa Rosa de Lima em 1944, a parceria da diocese de Porto Nacional com o Colégio Sagrado Coração de Jesus permaneceu. Dom Alano Maria Du Noday era muito amigo das religiosas dominicanas, suas irmãs de Ordem. A presença de Dom Alano junto ao Colégio foi marcante enquanto foi bispo diocesano, de 1936 a 1976. Com a inserção do inglês na estrutura curricular do colégio, a partir da reforma dos programas em 1946, Dom Alano tornou-se professor de latim enquanto o Monsenhor Klaus, sacerdote alemão que residiu em Porto Nacional, ensinou inglês (PIAGEM; SOUZA, 2000).

Com o crescimento do colégio e a necessidade de novas instalações, em 1948, as irmãs compraram da prefeitura 30.000 m² e o prefeito Ihes fez a doação de outros 3.000m² no intuito de construir um novo prédio que abrigasse o internato, o curso secundário, a escola normal, o externato e o convento. Dom Alano Maria du Noday, pastor, amigo e irmão foi um grande aliado para auxiliar as irmãs na nova empreitada. Ele havia recebido do Ministério da Agricultura Cr\$ 100.000 (cem mil cruzeiros) para as obras da diocese e repassou para as irmãs, o que possibilitou o adiantamento construção do novo e atual prédio do Colégio Sagrado Coração de Jesus (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2000).

Aos poucos, o novo colégio Sagrado Coração de Jesus vai tomando forma de mais um “templo de civilização” (SOUZA, 1998). No dia 30 de abril de 1950 chegou de Uberaba o mestre Antonio, o mestre de obra e construtor do atual prédio. Madre Nely e Irmã Adriene, as religiosas que dirigiam o Colégio à época, com todo o esforço e ajuda da comunidade local, pois era grande o interesse da cidade numa nova casa de educação, não mediram esforços para a concretização da obra (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2000).

Enquanto a nova construção se erguia, o trabalho educacional e apostólico do colégio não parava. Em 1953, Dom Alano e Madre Nely, a diretora do Colégio, conseguem para Porto Nacional o tiro de Guerra que se inicia com cinquenta reservistas que se alojavam no convento dos padres e tomavam refeições no Colégio. Neste mesmo ano, no mês de abril, iniciou a escola noturna mista, especialmente para os operários e empregados que trabalhavam na construção. Não demorou muito para o número de matriculados chegar a uma centena. Eram alunos entre 14 e 42 anos que foram alfabetizados pelas educadoras dominicanas-anastasianas enquanto erguiam o e monumental colégio (CRÔNICAS DAS IRMÃS DOMINICANAS, 1904- ?).

Interessante observar que todo o material de construção para o novo prédio do Colégio vinha para Porto Nacional nos aviões da Força Aérea Brasileira. As freiras e Dom Alano eram muito amigos dos Brigadeiros Eduardo Gomes e Cabral. Tanto que o CAN (Correio Aéreo

Nacional) fazia escala em Porto Nacional e a tripulação era acolhida e servida no seminário e no colégio (BARROS, 2008).

Inaugurado em 1954, o novo prédio do Colégio Sagrado Coração de Jesus tornou-se um marco para o patrimônio histórico, artístico, cultural e educacional de Porto Nacional e do Tocantins. Na perspectiva de Barros (2008, p. 73), o novo prédio do colégio “localiza o portuense no mundo, é um elemento de coesão e identificação do grupo”, tem um alto valor para a comunidade e para a identidade coletiva.

A história de Porto Nacional confunde-se com a trajetória desta instituição escolar dominicana-anastasiana. Acontecimentos marcantes da história local contaram com a presença e atuação do Colégio Sagrado Coração de Jesus. A posse do primeiro bispo diocesano de Porto Nacional, em 1921, contou com o toque especial de decoração e com o coral das alunas internas do colégio (AUDRIN, 2007); entre os dias 21 a 24 de setembro de 1977, o governador do Estado de Goiás e seu secretariado fizeram do prédio do colégio o Centro Administrativo do estado; na inauguração da ponte sobre o rio Tocantins, em 1979, uma representação do colégio marcou presença com apresentações, além de mais de 50 autoridades ficarem hospedadas no recinto da instituição (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 2000); a primeira instituição de ensino superior de Porto Nacional, a Faculdade de Filosofia do Norte Goiano (FAFING), funcionou entre 1985 e 1990 nas imediações do colégio (CASSEMIRO, 1996; MAIA, 2011).

A contribuição do Colégio Sagrado Coração de Jesus à missão apostólica e pastoral da igreja na Diocese de Porto Nacional e ao desenvolvimento da cidade de Porto Nacional por meio de projetos educacionais, culturais e sociais foi o legado deixado na sociedade portuense e tocantinense. Sua trajetória tem sido de relatos e histórias inseridos num processo formativo escolar pautado na educação do ser como um todo em todas as suas faculdades valorizando todos os ramos do conhecimento que enriquece o intelecto, consequentemente, a vida e encarnada nas realidades sociais (KELLY; SAUNDERS, 2015).

De fato, como enfatiza o hino oficial do Colégio Sagrado Coração de Jesus, ele tem sido sementeira de luz. Luzes do saber, da aprendizagem. Luzes de autonomia e emancipação. Luzes de conhecimento e de projeção. Luzes que formam para clarear e transformar realidades visto que muitos que estudaram nesta escola, ao concluir o seu ciclo formativo assumiam papéis de liderança em suas comunidades, destacavam-se no ensino superior e tornaram-se profissionais comprometidos (RIBEIRO; MUTA; SILVA, 2007).

Considerações finais

Em pleno funcionamento até os dias atuais, o Colégio Sagrado Coração de Jesus completou em 15 de setembro de 2020, 116 anos de fundação e continua sendo esteio educacional em Porto Nacional mesclando em sua prática educativa um misto de tradição e de inovação, pautado nos princípios da educação dominicana-anastasiana.

Seu legado é um grande marco na história da educação tocantinense e, além de cumprir com seu papel de instituição escolar, é um lugar de memórias (NORA, 1993) e revela referências identitárias da comunidade local e do carisma educacional dominicano-anastasiano, além de constituir um significativo patrimônio cultural e educacional, de riqueza inigualável, da cidade e do estado do Tocantins.

Este texto, fragmento de uma pesquisa maior, ainda em andamento sobre a Educação dominicana-anastasiona no Tocantins, quer abrir caminhos e dar pistas para outras investigações. Sempre existem muitas possibilidades para onde o olhar do pesquisador pode voltar-se.

Referências

AQUINO, Maurício de. A diáspora das congregações femininas portuguesas para o Brasil no início do século XX: política, religião e gênero. **Caderno Pagu**, n. 42, Campinas, jan. /jun., 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-833320140001&lng=pt&nrm=iso. Acesso 01 set. 2020.

BARROS, Mariana Sardinha. **O Sagrado Coração de Porto Nacional**. Dissertação de Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural: UCG, 2008.

BRESSANIN, César Evangelista Fernandes. **A Ordem Dominicana nos sertões do Norte: entre missões, desobrigas, construções e projetos educativos em Porto Nacional**. Palmas: Nagô, 2016.

CAMARGO, Kênia Guimarães Furquim. **Educação católica e presença dominicana em Goiás (GO): a cultura escolar do colégio Sant'Anna (1940-1960)**. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba. Paranaíba, MS: UEMS, 2014.

CARDOSO, Maurício Estevam. Por uma história cultural da Educação: possibilidades de abordagens. **Cadernos de História da Educação**, v. 10, n. 2, jul. /dez. 2011.

CASSEMIRO, Maria do Rosário. **Uma universidade para o Tocantins**. Goiânia: Kelps, 1996.

CHARTIER, Roger. **A história cultural** – entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Histórico do colégio**, 2000.

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Missão, visão e valores**. Disponível em: <https://www.colegiodasirmas.com.br/>. Acesso em 15 de set de 2020.

CRÔNICAS DAS IRMÃS DOMINICANAS. Porto Nacional. 1904. (Manuscrito)

DOURADO, Benvinda Barros. **Educação no Tocantins: Ginásio Estadual de Porto Nacional**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. História da Educação e História Cultural. In: FONSECA, Thaís Nívia de Lima e; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GATTI JÚNIOR, Décio. A História das Instituições Educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, J. C. S.; GATTI JÚNIOR, D. **Novos temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Editoras Associadas, 2002.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KELLY, Gabriely; SAUNDERS, Kevin. **Valores da educação dominicana**: para o uso inteligente da liberdade. Tradução Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Loyola/ Editora UNESP, 2015.

LAGE, Ana Cristina Pereira. **Petites Marthes**: alunas pobres em uma instituição confessional. Poésis Pedagógica, Catalão-GO, v.12, n.2, p. 25-44, jul/dez. 2014.

LOPES, Maria Antonieta Borges. et al. **Dominicanas**: cem anos de missão no Brasil. Uberaba: Vitória, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 443-481.

MAIA, Maria Zoreide Brito. **Expansão da educação superior à distância no Brasil**: o caso da Universidade do Tocantins – UNITINS. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, 2011.

NORA, Pierre. **Entre história e memória**: a problemática dos lugares. Projeto História, SP, 1993.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Entre o sertão e o litoral**: cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. BH: Autêntica, 2008.

PIAGEM, Pedro Pereira; SOUSA, Cícero José de. **Dom Alano**: o missionário do Tocantins. Goiânia: Gráfica, 2000. p. 171.

RABELO, Amanda Oliveira. A mulher e docência: historicizando a feminização do magistério. **Revista do Mestrado de História**, Vassouras, v. 9, n. 9, p. 41-53, 2007.

REVISTA MENSAGEIRO DO SANTO ROSÁRIO, julho de 1915.

RIBEIRO, Benvinda Barros Dourado; MUTA, Ana Pereira Negry; SILVA, Edwardes Barbosa da. **Memórias de Professores Portuenses** (Porto Nacional de 1940 a 1980). Porto Nacional:Pote Editora, 2007.

SANTOS, Alessandra de Oliveira. Historiografia educacional brasileira: novos olhares sobre fontes e objetos. In: ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães; BALDINO, José Maria; DIAS, Kamila Gusatti. **Cultura Escolar**: histórias e memórias em diferentes espaços sociais. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019.

SMITH, Philip. A filosofia dominicana da educação. In: KELLY, Gabriely; SAUNDERS, Kevin. **Valores da educação dominicana**: para o uso inteligente da liberdade. Tradução Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Edições Loyola: Editora UNESP, 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890–1910). São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

WARDE, Mirian Jorge. Questões teóricas e de método: a história da educação nos marcos de uma história das disciplinas. In: SAVIANI, Dermeval et al. **História e História da Educação**. São Paulo: Editora Autores Associados, 1998.

SOBRE OS AUTORES:

César Evangelista Fernandes Bressanin: Graduado em História pela Fundação Universidade Federal do Tocantins (2003). Especialista em Pedagogia Escolar e Docência do Ensino Superior (2004) pela UNINTER-IBPEX (Curitiba-PR). Mestre em Educação - Universidad Del Norte, Assunção, PY (2007); Mestre em História (Cultura e Poder) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2015). Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Técnico em Assuntos Educacionais da Fundação Universidade Federal do Tocantins, desde 2007. Tem experiência na área de História e da Educação com ênfase nos seguintes temas: ensino de história, história da Educação, Instituições Escolares, história do Cristianismo e da Igreja Católica, História das Ordens e Congregações Religiosas, religião e religiosidade, escola, educação escolar, gestão escolar, família. E-mail para contato: cesarfernandes@uft.edu.br.

Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida: Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1975). Mestrado em Educação Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1991). Doutorado em História pela Universidade de Brasília (2009). Atualmente é professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, Memória, Formação de Professores, atuando principalmente nos seguintes temas: História e Memória da Educação, Cultura Escolar, formação de professores, educação do campo, história oral e cultural, história da educação mineira (noroeste) políticas educacionais, curso de pedagogia, grande sertão mineiro, Gênero, diversidade étnico-cultural e patrimônio cultural. E-mail para contato: zeneide.cma@gmail.com.